

4. Nós cremos na existência pessoal do diabo e de seus anjos, maus espíritos que, junto a ele, serão punidos no fogo eterno. (Mat 25:41)

Então, dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Mateus 25:41.

A existência do mal: o mal é multiforme. Toda a humanidade é bem familiar com o mal como sofrimento, cuja libertação é ansiosamente esperada (Rm 8:18-22).

O mal é também o pecado e sua culpa, dos quais a humanidade anseia igualmente pelo perdão (Mc 1:4; Lc 11:4) proporcionados por Cristo (Mc 2:5-12; At 13:38). Do mesmo modo, o mal separa-nos de Deus (Gn 4:13-14), mas é contrabalanceado pela reconciliação oferecida por Cristo (Mt 5:24; 18:21-22). A corrupção da vontade (desejos e afeições ímpias) inclina o ser humano para a maldade (Rm 7:5, 23-24) que resulta em maus frutos (Rm 1:21-23; 29-31; Gl 5:19-21). O mal também é a morte, tanto espiritual (Rm 6:4; Jo 5:24) quanto física, sendo o último inimigo a ser destruído (1 Co 15:26).

Indubitavelmente há uma infestação maligna na criação (Ef 6:12). Todavia, explicações sobre a origem e a justificativa do sofrimento e do mal variam. Embora as Escrituras permaneçam em silêncio sobre esses temas, alguns intérpretes argumentam que o mal surgiu do arbítrio celeste ou no Éden, outros que o mal é a ausência do bem, como a escuridão ou o frio estão as ausências da luz e do calor. Tais teorias são limitadas, mas aos crentes resta, porém, a segurança bíblica de que Cristo propicia vitória (Hb 2:14; Ap 20:10) e que ainda nessa vida devemos resistir ao mal, que fugirá de nós. (Tg 4:7).

Diabo: nas Escrituras o mal aparece como pessoal, ou seja, agente (com capacidade de ação) e personificado (com identidade), sendo representado por diversas formas. Depois do exílio babilônico os diversos nomes e alusões pessoais ao mal fundiram-se na figura do Inimigo, Satanás (forma grega do hebraico *satan*, adversário, cf. 1 Sm 29:4, Sl 109:6; Nm 22:22), ou Diabo (grego para “caluniador”, cf. Jó 1:9-11; Zc 3:1-5. Ap 12:10). Também recebe designações de príncipe deste mundo, visando seu escopo de interesse e ação (Jo 12:31; 14:30, cf. Ef 2:1-3). Pessoas malignas foram chamadas de filhos de belial, além de remeter aos ídolos dos povos do levante, como Belzebu.

Interpretações populares na Idade Média elaboraram um mito de origem de Satanás como originalmente o maior dos anjos que se rebelou contra Deus e foi lançado à Terra para enganar e combater a Verdade. Mais tarde, textos como Isaías 14:11-23 e Ezequiel 28:11-19, referentes aos reis de Babilônia e de Tiro, passaram a ser interpretados para dar suporte a essa narrativa. A batalha do céu de Ap 12:7-12 não relata a origem do Diabo, nem diz quando ocorreu. Assim, resta-nos o silêncio a esse respeito. Nas áreas em que a Bíblia afirma algo, afirmamos; onde permanece em silêncio, mantemos silêncio. (1 Co 4:6).

Maus espíritos: referidos na Bíblia como demônios. Embora originalmente *daemon* em grego referia-se genericamente para qualquer ser espiritual, no contexto bíblico aparecem com a conotação de seres maleficientes (cf. 1 Pe 3:19-20, 2 Pe 2:4, Id 6, Mt 25:41, Ap 12:9) como espíritos imundos (Mt 10:1; Mc 6:7), malignos (Lc 7:21, At 19:12-13), enganadores (1 Tm 4:1; Jo 4:6). Todavia, na Bíblia não fica explícita a origem dos demônios nem explica suas características ou modos de ação. Coletivamente são chamados de legião (Mc 5:9; Lc 8:30), sendo Abadom ou Apoliom individualmente nomeado (Ap 9:11). Especialmente registrado em Marcos, o ministério de Jesus foi de vencer o poder do maligno (cf. outros evangelhos Mt 12:25-29; Lc 11:17-22, Jo 12:31, 1 Jo 3:8)

Possessão demoníaca: no Novo Testamento há várias ocasiões de pessoas atormentadas por demônios (Mt 4:24; 8:28; 12:22). Cristo e seus discípulos com autoridade os derrotaram. (Mc 1:25, 5:8, 9:25; Lc 9:49; At 19:13), Enganadores usurparam dessa autoridade, mas suas práticas de exorcismos não provam comunhão com Deus (Mt 7:22, Mc 9:38-41; At 19:13-16).

Alimentando o medo e baseando-se no engano, heresias atribuindo mais poder ao Diabo que a Deus e o lucrativo negócio de exorcizá-lo reforçaram essas ideias populares não bíblicas acerca do mal. Por vezes, essa concepção popular do mal serve para justificar as próprias faltas, fugindo-se da responsabilidade cristã de fazer o bem e evitar o mal e de sua aparência.

Na narrativa bíblica ocorre uma acomodação da mensagem divina comunicada aos entendimentos humanamente limitados. Nessa acomodação aparecem com associação demoníaca sintomas de doenças como mudez, sintomas epiléticos, cegueira, etc. (Mt 9:32-33; Mc 9:17-18); ou impulso para fazer o mal, como por Judas Iscariotes (Jo 13:27). Certamente, esses eventos ilustram os danos causados pela agência do mal. A inclinação destrutiva afeta de tal modo que Saul era perturbado (1 Sm 16:14-15; 18:10-11; 19:9-10), acarretando em uma tristeza profunda, além de desejo e prontidão para matar. Similarmente, entre os gadarenos um homem causava terror com uma força incomum, mutilando-se e vivia à parte; no entanto, Cristo em seu ministério veio para servir e libertar dessas influências maléficas (Mc 5:1-17). Mesmo seguidores de Jesus sofrem os efeitos do mal, como Pedro (Mt 16:23) ou as provações da menina escravizada que era adivinha (At 16:16-18). Assim, fenômenos biológicos, psicológicos e sociais foram e ainda hoje devem ser compreendidos sob vários aspectos do mal. Porém, o foco não é a causalidade, mas a confiança na obra libertadora de Cristo. (Mt 28:18).

Idolatria: é adorar, depositar fé salvadora ou temer (por temor ou reverência divina) a qualquer coisa, senão o vivente Deus.

A raiz da palavra no grego originalmente significava o culto prestado às imagens (eidolon) dos falsos deuses. Falsas representações de Deus (cf. Êx 20:4) também são idolatrias. Assim, imagens físicas ou mentalmente imaginadas não podem ser adoradas.

A idolatria aparece em toda a Bíblia, e raramente se encontra um livro onde não seja combatida.

Após o cativeiro babilônico, essa adoração de ídolos parecia não ser um problema entre os israelitas, mas as pessoas buscavam outras coisas para colocar sua confiança, e não o Senhor, pois muitos confiavam na proteção de poderosos, dinheiro, seus próprios bens e força. Assim, em uma paródia maligna da encarnação, o mal tornava-se tangível pela idolatria. Foi assim, com Mamon, a personificação do culto à riqueza condenada por Jesus (Mt 6:19–21, 24).

Pecado: em grego *hamartia*, é errar o alvo, a omissão do que deveria ser atingido. Esse termo bíblico seria melhor traduzido como fracasso no sentido de falhas e imperfeições que resumem as limitações espirituais e morais da condição humana. Outros termos são *hybris* também "erro fatal" e *parabasis* "transgressão".

O coração humano se inclina para praticar o pecado, quer intencionalmente ou não. O poder pecado precede o comportamento humano e permeia a todos. Assim, a criação sofre com atos de violência que destroem a obra que Deus fez para que o ser humano cuidasse. A inclinação para o mal leva a oprimir o próximo também com toda forma de injustiça e violência. O pecado é de responsabilidade humana visto que todos pecaram (Rm 5:12; 1 Jo 1:8-10), mas do qual somos salvos exclusivamente por graça divina (Ef 2:8; 1 Jo 1:9). No pecado, cujo salário é a morte (Rm 6:23; 8:9-11), há a ausência da lei divina (1 Jo 3:4).

A condição de justificados e pecadores. Embora a obra perfeita de Cristo removeu o justo do domínio do mal (Rm 6:18, 22:1 Jo 3:9), ainda sentimos seus efeitos. Desse modo, enquanto vivermos estamos sujeitos a erros, sendo simultaneamente justos e pecadores. Paulo descreve a existência humana como um conflito entre a vontade de fazer o bem e a incapacidade de realizá-lo (Rm 7:7-25), mas também como um conflito entre a vida antiga e a nova alcançada pela fé (Rm 6:1-4).

Sujeitos à tentação. Dada essa condição, estamos sujeitos a sermos tentados. (Tg 1:12; 1 Pe 1:7; 4:12). Porém, por vigor do Espírito Santo podemos imitar a Cristo para vencer o mal. Por isso é possível submeter-se a Deus e resistir ao diabo, o qual fugirá (Tg 4:7).

Pecado para morte. Há pecado que traz a morte. Toda maldade é pecado; porém há pecados que não trazem a morte. (1 Jo 5:16-17). Em qualquer pecado que se continuar nele se conduzirá à morte (Ez 18:4, 24; Tg 1:15). Cristo prometeu perdão a qualquer pecado ou blasfêmia contra Deus Pai e Filho, mas ressalva do pecado contra o Espírito Santo (Mt 12:31, 32). Apesar de não ficar explícito qual pecado é para morte ou o quê consiste a blasfêmia contra o Espírito Santo, a fé em Cristo e a regeneração do Espírito guia para não cometê-lo.

Tratamento com os pecadores. Se algum irmão pecar contra outro, a repreensão e o arrependimento fará ganhar um irmão. E deve-se estar pronto a perdoar quem se arrepender. Porém, por vezes, a dificuldade de admitir a necessidade de arrependimento é tal que requer uma exposição pública. Ao fazer um pecador arrepender restaura-se a comunhão com Deus. (Mt 18:15-18, 21-22). Por isso, devemos também instruir com mansidão os que resistem ao Bem, para que Deus lhes dê arrependimento para conhecerem a verdade e tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do diabo, em cuja vontade estão presos. (2 Tim 2:25–26).

Ninguém oculta seus pecados do Senhor (Hb 4:12-13). Por esse motivo, se dizemos que não temos pecados estamos nos enganando. Mas, se confessarmos os nossos pecados a Deus, Ele cumprirá a sua promessa e fará o que é correto: perdoará os nossos pecados e nos limpará de toda maldade. Se dizemos que não temos pecado, fazemos de Deus um mentiroso, e a sua mensagem não está em nós. Somente na confiança no sangue de Jesus, o Filho, nos limpa de todo pecado. (1 Jo 1:8-10, 7).

A vitória sobre o Mal: Como o mal aflige toda a condição humana inclusive os filhos de Deus, que são pessoas de carne e sangue, sofrem suas ações nessa vida. E por isso o próprio Jesus se tornou igual, tomando parte na natureza humana. Mediante isso e por meio da sua morte Cristo pode destruir o Diabo, que tem poder sobre a morte. (Hb 2:14). Na cruz Cristo livrou a criação dos poderes espirituais. Ele humilhou esses poderes publicamente, sujeitando-os com seu triunfo (Cl 2:15), sendo-Lhe dado todo o poder no céu e na terra (Mt 28:18). Assim, não há porque temer o mal.

Jesus ensinou na parábola do julgamento das nações (Mt 25:31-46) que há um lugar reservado ao maligno (v.41). Enquanto não chega esse julgamento, compete fazer o bem. Os ímpios nessa parábola foram julgados não pelo que fizeram, mas pelo que deixaram de fazer: dar de comer e de beber, hospedar o estrangeiro, vestir o desnudo, cuidar dos enfermos, confortar os aprisionados. Essa omissão de ativamente fazer o bem traduz fielmente o conceito de *hamartia*, pecado.

Enquanto isso esperamos que em breve o Deus de paz esmagará Satanás (Rm 16:20). Isso se cumprirá quando na segunda vinda o mal será aprisionado no abismo (Ap 20:1-2), sendo depois lançado no lago de fogo – a destruição eterna (Ap 20:10)